

Computador na escola é brinquedo?

Se o pessoal de TI não capricha na escolha dos computadores e no monitoramento da rede, os alunos usam os computadores para acessar a Internet e para jogar.

A Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), órgão do governo paulista, instalou em 2008 cerca de 15 mil computadores nas escolas públicas de São Paulo. Os técnicos da FDE descobriram que, em algumas escolas, os alunos danificavam o software dos computadores ao acessar conteúdo impróprio. Por isso, vários diretores de escola tomaram a decisão de trancar o laboratório de informática.

O problema não é exclusivo da FDE. Em Barretos (SP), os alunos conseguiam instalar jogos nos computadores com sistema Linux — um sistema difícil de usar. Segundo Carlos Domingos Crepaldi, diretor de informática da Secretaria de Educação de Barretos, os alunos até cabulavam aulas para ficar no laboratório e acessar portais de bate-papo.

Em tese, os alunos das escolas públicas devem usar os computadores para estudar. Segundo um consultor, no entanto, a maioria dos alunos prefere brincar com os equipamentos. E assim os alunos comprometem o funcionamento dos computadores, e obrigam os técnicos a passar tempo demais em tarefas de manutenção — enquanto isso, o laboratório não funciona. Se o governo mede o resultado das

iniciativas de computador na escola, as medições vão desagradar muita gente. Para evitar o problema, os técnicos da FDE e da prefeitura de Barretos mudaram o modo como gerenciam os computadores nas escolas.

João Thiago de Oliveira Poço, diretor de informática da FDE, comprou os 15 mil computadores da Itautec, e pagou R\$ 1.414,00 por computador. Ele também equipou todos os laboratórios das escolas com banda larga de 512 kbps, cabos de redes e de energia, cadeiras e mesas e, para proteger essa infra-estrutura de roubos, instalou grades em portas e janelas. Para ele, o governo gastou bastante; não era justo deixar os computadores desligados e trancados.

Thiago então criou um programa, o Acesso Escola, pelo qual os técnicos da FDE assumiriam a responsabilidade pelos laboratórios de informática. Para os alunos, essa mudança burocrática não alterou nada: eles continuaram a acessar portais impróprios na Internet. Thiago então pediu estagiários para a Fundap, a Fundação do Desenvolvimento Administrativo, e a Fundap contratou 5 mil estagiários a R\$ 340,00 por mês; eles trabalham quatro horas por dia. Eles ajudam os professores, ficam de olho nos alunos, resolvem problemas técnicos, realizam tarefas de manutenção. O número de problemas técnicos caiu. Com tempo de sobra, os técnicos da FDE conseguem monitorar melhor os computadores. Os alunos têm usado mais o computador para estudar.

Em Barretos, Carlos emprestou 50 Classmates da Positivo; é um pequeno laptop projetado para crianças. O aluno não consegue instalar software num Classmate, nem consegue acessar portais impróprios na Internet. Também não consegue quebrá-lo facilmente. Carlos gostou dos laptops. Acha que computadores comuns dão trabalho demais.

Thiago, da FDE, precisou pedir a ajuda de 5 mil estagiários.



org. de imprensa